

## A história de origem do Evolução Unidade de Ensino no município de Pau dos Ferros/RN.

Edinária Marinho da Costa<sup>(1)</sup>; José Hélio de Oliveira Alfredo<sup>(2)</sup>; Mayara Adriana da Silva Maia<sup>(3)</sup>; Francisco Fábio Monte<sup>(4)</sup>; Maria da Conceição Fernandes Pereira<sup>(5)</sup>.

<sup>(1)</sup> Coordenadora do Projeto de Pesquisa “História e historiografia do Evolução Colégio e Curso em Pau dos Ferros/RN (1996-2009)”; Faculdade Evolução Alto Oeste Potiguar - FACEP; Pau dos Ferros/RN. E-mail: edinaria\_marinho@hotmail.com

<sup>(2)</sup> Aluno do curso de Pedagogia; Membro do Projeto de Pesquisa; Faculdade Evolução Alto Oeste Potiguar - FACEP; Polo Marcelino Vieira/RN. E-mail: heliopanati@hotmail.com.

<sup>(3)</sup> Aluna do curso de Pedagogia; Membro do Projeto de Pesquisa; Faculdade Evolução Alto Oeste Potiguar - FACEP; Pau dos Ferros/RN; E-mail: mayarasylva@hotmail.com

<sup>(4)</sup> Aluno do curso de Pedagogia; Membro do Projeto de Pesquisa; Faculdade Evolução Alto Oeste Potiguar - FACEP; Pau dos Ferros/RN; E-mail: fabinho.monte1@gmail.com

<sup>(5)</sup> Aluno do curso de Pedagogia; Membro do Projeto de Pesquisa; Faculdade Evolução Alto Oeste Potiguar - FACEP; Pau dos Ferros/RN; E-mail: mariacfp@hotmail.com.

**RESUMO:** Este trabalho é parte de uma pesquisa mais ampla que vem sendo realizada na Faculdade Evolução, que tem como título provisório “História e historiografia do Evolução Colégio e Curso em Pau dos Ferros/RN (1996-2009)”. O projeto está vinculado à Linha de Pesquisa Políticas Públicas Educacionais e Gestão na Educação, e se insere no Grupo de Pesquisa Educação, Cultura e Interdisciplinaridade – GPECI. A investigação integra-se ao campo da História da Educação, e tem como objetivo central, estudar a história de implantação do Evolução Unidade de Ensino instalado no município de Pau dos Ferros/RN. A pesquisa será norteada pelos pressupostos de autores como, Julia (2001), Buffa (2007), Noronha (2007), Saviani (2007), Sanfelice (2007), entre outros da pesquisa histórico-educacional. Em se tratando de uma instituição de ensino, a categoria de análise central é a de cultura escolar, a qual nos conduziu o recorte de categorias específicas, a saber: origem de implantação e relações entre a trajetória da instituição e o contexto social do município. O registro da história do Evolução Unidade de Ensino, traz uma contribuição significativa para a preservação da sua memória, bem como para a configuração da história da educação da região do Alto Oeste Potiguar.

**Termos de indexação:** História da educação, formação, cultura escolar.

### INTRODUÇÃO

Neste resumo propomos apresentar uma breve discussão teórica que tem nos subsidiado no desencadeamento das leituras durante os encontros entre os membros do projeto de pesquisa intitulado “História e historiografia do

Evolução Colégio e Curso em Pau dos Ferros/RN (1996-2009)”.

Este projeto está vinculado à Linha de Pesquisa Políticas Públicas Educacionais e Gestão na Educação, e se insere no Grupo de Pesquisa Educação, Cultura e Interdisciplinaridade – GPECI, na Faculdade Evolução Alto Oeste Potiguar – FACEP. seu objetivo central é estudar a história de implantação do Evolução Unidade de Ensino instalado no município de Pau dos Ferros/RN, desde sua origem em 1996, ao momento de implantação da Faculdade Evolução, em 2009.

A ideia em lançar um projeto de pesquisa, tendo como o objeto de estudo a história dessa instituição, tem suas raízes nas experiências produzidas na disciplina História da Educação, do curso de Pedagogia, durante o semestre 2015.1. Ao longo da disciplina os alunos tiveram a oportunidade de darem seus primeiros passos na pesquisa em História da Educação.

A partir da divisão de equipes por cidades, os discentes desenvolveram investigações históricas, visando à reconstrução e o registro da história das instituições escolares mais antigas das cidades em que residem. A socialização dos resultados em sala de aula foi rica em apresentações de informações históricas, e alimentou cada vez mais o desejo, ou senão, a necessidade em conhecer, resgatar, reconstruir, contar, registrar, preservar, partilhar, rememorar, a história e significados das instituições escolares da região.

O projeto de pesquisa encontra-se na sua fase inicial (dois meses), o que nos limita neste trabalho a divulgação de resultados apenas parciais de cunho bibliográfico.

### MATERIAL E MÉTODOS

Neste campo de investigação, especificamente, nas vertentes da História das Instituições Escolares e da Cultura Escolar, a historiografia tem contribuído a tornar uma dada realidade histórica antes ignorada, em conhecimento inteligível. Neste sentido, o obscuro passa a tornar-se claro, acessível e compreensível, a partir do instante que os fatos passados são desnudados e entrecruzados com os fenômenos do presente.

Levando em consideração o tipo desta pesquisa, que se ramifica no âmbito da História da Educação, decidimos pela abordagem Qualitativa, uma vez que não objetivamos quantificar dados, mas captar na história os sentidos e significados que cingem o percurso da instituição estudada.

Para a concretização dos nossos objetivos, estamos nos apoiando inicialmente na pesquisa bibliográfica, a partir de leituras das mais clássicas às mais atuais. Neste primeiro momento de estudo, temos nos reunidos semanalmente para a discussão textos e a compreensão de conceitos que envolvem os termos história, historiografia e instituição (educativa e escolar), entre outros específicos dessa área de pesquisa.

A investigação também contará com o trabalho de fontes documentais e orais, através do uso da metodologia da história oral. Esta técnica é considerada por Menezes *et al.* (2004, p.55) como “[...] uma metodologia de pesquisa utilizada para o estudo do tempo presente e passado recente”, tomando como fonte principal de dados os pontos de pessoas que viveram fatos e os processos de experiências em estudo.

Esse tipo de metodologia nos permite conhecer experiências e compreender significados individuais e coletivos, por meio de lembranças e relatos de pessoas que participaram de determinados fatos num dado contexto histórico.

No tocante à quantidade de entrevistados, não há ainda um número fechado, mas poderá centra-se em média de 07 pessoas: 01 da gestão; 01 aluno do ensino médio; 01 professor do ensino básico; 01 aluno da graduação; 01 professor do ensino superior; 01 funcionário da Secretaria e, mais um (01) do setor de serviços gerais.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

2A sociedade brasileira na segunda metade do século XIX perpassou por transformações acentuadas nos setores econômicos, políticos, sociais e culturais. Em matéria de educação, destaca-se a tentativa de abertura da escola pública às massas populares, a qual deveria ser laica, gratuita e obrigatória, tendo em vista o grande índice de analfabetos em idade escolar.

Partindo dessas demandas sociais que se instalavam nesse período da história da escola pública, surge após o advento da República no Brasil (1889) um novo modelo de instituição primária com um caráter mais moderno, complexo e racional.

É neste cenário de várias tentativas de rupturas com o modelo de ensino monárquico, considerado arcaico e atrasado, que se dá o surgimento da escola pública primária propriamente dita, que ficou conhecida como “Grupos Escolares”. Este estabelecimento de ensino primário apresentava uma proposta de educação moderna, segundo os moldes das escolas dos países europeus. Os grupos escolares, no Brasil, surgiram da necessidade de criar novos espaços para abrigar a escola primária, como também dos interesses em difundir os ideais do regime republicano. Não é à toa, que esse modelo de escola elementar foi considerado como a escola da República (SOUZA, 1998).

Esta modalidade de escola pública primária, criada em 1893, e instalada no estado de São Paulo, foi extinta depois de várias décadas, no ano de 1971, deixando um grande legado para nossa atual referência organizacional de ensino fundamental.

Essas explicações acima foram utilizadas como exemplificações que têm nos conduzido a concordar com Saviani (2007) da compreensão de que as instituições, além de serem criadas pelo homem, apresentam-se como estrutura material construídas no intuito de satisfazer as premências sociais, mas não qualquer premência. Ou seja, trata-se de uma necessidade de caráter relevante e permanente.

Esse mesmo autor explica ainda que para satisfazer necessidades humanas, as instituições são criadas como unidades de ação, em que se constituem, pois, como um sistema de práticas com seus agentes e com os meios e instrumentos por eles operados tendo em vista as finalidades por elas perseguidas.

Considerando o ponto de vista acima entendemos que as instituições, em especial, as escolares são criadas para atender aos anseios, interesses e hesitações das classes sociais. Essa necessidade representa uma conjuntura de interesses maiores, ligados aos grupos sociais dominantes.

Desse modo, são as condições sociais que determinam o surgimento das instituições educativas e orientam o seu desenvolvimento, uma vez que se constituem como um conjunto de representação de ações humanas que travam relações entre si e com a sociedade à qual servem.

É nesta esteira de relações, entre instituição escolar e sociedade, que Buffa (2007) chama a

atenção para o fato de que, a escola tem a afeição que a sociedade lhe imprime. Assim, a estrutura física e o funcionamento das instituições estão fortemente ligados às exigências do meio social.

As instituições escolares, portanto, crescem, se difundem, ganham nomes e prestígio público, a partir de um conjunto intervenções oriundas dos grupos e classes sociais de épocas diferentes. Todavia, vale pontuar que a sociedade também se (re)constrói, se desenvolve e se multiplica, por força dos condicionantes que são mobilizados pela existência dos estabelecimentos de ensino.

Entendemos que se uma particular sociedade influi decisivamente na construção material e desenvolvimento das ações no interior das instituições escolares, estas também oferecem influências contundentes para o progresso econômico, social e cultural, no lugar em que elas são edificadas.

Esse movimento de relações sociais tem refletido no processo da institucionalização da escola no país, desde seus primórdios, e contribuído na veiculação de princípios éticos, morais e sociais, que passam por remodelações ao logo do tempo, para se adequarem aos contextos históricos em que são inseridos.

### CONCLUSÕES

O projeto intitulado “*História e historiografia do Evolução Unidade de Ensino em Pau dos Ferros/RN (1996-2009)*”, além de oferecer a oportunidade para que os alunos integrantes do Curso de Pedagogia, e demais interessados, se aproximem melhor dos caminhos da pesquisa em História da Educação, traz uma pertinência no que diz respeito ao despertar, nesses formandos, para a importância da conservação da memória das instituições de ensino, independentemente da sua origem e prestígio social. Porque, toda instituição escolar, tem sua cultura, sua singularidade, e sobretudo, uma história que pode nos surpreender quando resgatada.

Também se não pode ignorar, que a trajetória existencial de qualquer espaço escolar e social, não se constrói apenas dentro dos seus muros, isolada do universo que lhe rodeia, mas ancorada num contexto mais amplo de práticas sociais. É por isso que concebemos que toda instituição escolar, é também uma instituição social, que nasce e se consolida numa relação estreita com a sociedade.

Dessa maneira, assim como o contexto social influi de modo determinante para o surgimento e consolidação de uma dada instituição escolar, esta contribui positivamente para o desenvolvimento socioeconômico do local. Uma região, cidade, comunidades e grupos sociais,

potencializam-se quando um novo estabelecimento de ensino é erguido.

Assim, a reconstrução da história de uma instituição educativa ou escolar, pode revelar as conjunturas mais ocultas e implícitas de uma sociedade. A compreensão sobre essa dinâmica nesse intercâmbio de relações, faz-se cada vez mais necessária e profícua no espaço universitário.

Portanto, esperamos que através desse esforço coletivo e investigativo, possamos contribuir na socialização do conhecimento histórico, a partir das participações de alunos do projeto, em eventos científicos, como os locais, regionais e internacionais.

Esses anseios criam em nós, a expectativa de que os achados da pesquisa, quando socializados, possam estimular na comunidade interna (e externa) da instituição em foco, o sentimento de pertencimento à sua história.

### AGRADECIMENTOS

Deixemos aqui nossos agradecimentos à Faculdade Evolução e à Coordenação de Pesquisa e Extensão, pelos recursos oferecidos para a concretização deste Projeto de Pesquisa. Estendemos ainda ao Grupo de Pesquisa Educação, Cultura e Interdisciplinar (GPECI), pela oportunidade das trocas de experiências e espaços para a fomentação dos debates.

### REFERÊNCIAS

BUFFA, E. **Os estudos sobre instituições escolares**: organização do espaço e propostas pedagógicas. In: NASCIMENTO, Maria Isabel Moura et al (Orgs.). *Instituições Escolares no Brasil: Conceito e Reconstrução Histórica*. Campinas: Autores Associados, 2007.

JULIA, D. A Cultura Escolar como Objeto Histórico. **Revista Brasileira de História da Educação**. Campinas. Editora Autores Associados. nº 1, jan./jun. p. 9-43. 2001. Disponível em: <<http://www.rbhe.sbhe.org.br/index.php/rbhe/artic/e/view/273/281>>. Acesso em: 06 abr. 2013.

MENEZES, M. *et al*. Uma entrevista em análise: olhares diversos. **Revista Pesquisa Qualitativa**, Bauru, v. 2, v. 1, p. 55-98, 2004.

NORONHA, O. M. **Historiografia das Instituições Escolares: contribuição ao debate Metodológico**. In: NASCIMENTO, Maria Isabel Moura, et al (Orgs.). *Instituições Escolares no Brasil: Conceito e Reconstrução Histórica*. Campinas: Autores Associados, 2007.

SANFELICE, J. L. **História das Instituições Escolares**. In: NASCIMENTO, Maria Isabel Moura et al (Orgs). *Instituições Escolares no Brasil: Conceito e Reconstrução Histórica*. Campinas: Autores Associados, 2007.

SAVIANI, D. **Instituições Escolares no Brasil: Conceito e Reconstrução Histórica**. In: NASCIMENTO, Maria Isabel Moura, et al (Orgs). *Instituições Escolares no Brasil: Conceito e Reconstrução Histórica*. Campinas: Autores Associados, 2007.

SOUZA, R. F. de. **Templos de Civilização: a implantação da escola primária graduada no Estado de São Paulo (1890/1910)**. São Paulo: EDUNESP, 1998.



## Educação do Campo: historicização de uma educação construída com lutas sociais, embasadas na pedagogia dos movimentos.

**Francisco de Assis Marinho Morais<sup>(1)</sup>, Edinária Marinho da Costa<sup>(2)</sup>.**

- (1) Professor da Rede Pública Municipal e Estadual no Município de Apodi – RN; Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Ensino (PPGE); Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN/CAMEAM); Pau dos Ferros/RN; E-mail: [cizinhomparn@hotmail.com](mailto:cizinhomparn@hotmail.com).
- (2) Mestra em Educação; Professora do Curso de Pedagogia; Faculdade Evolução do Alto Oeste Potiguar - FACEP; Pau dos Ferros/RN. E-mail: [edinaria\\_marinho@hotmail.com](mailto:edinaria_marinho@hotmail.com)

**RESUMO:** O presente trabalho objetiva historicizar e/ou registrar a trajetória da Educação do Campo dada ao longo dos anos no sistema educacional brasileiro. Pelas limitações de tempo e espaço faremos uma breve discussão epistemológica embasados em dados bibliográficos e de saberes experiências do ensino no campo ao longo de muitos anos. Para isso, nos embasamos em teóricos como Arroyo, Caldart, Molina, Mançano (2004), Veiga (2005), entre outros que trazem abordagens recentes e válidas construídas na Pedagogia dos movimentos sociais do campo que tange à Educação do Campo, historicamente relegada a segundo plano pelos sistemas educacionais em nosso país. Nos valemos ainda dos escritos dos pesquisadores em Educação Ludke e André (1986), que nos traz a perspectiva de abordagens qualitativas na pesquisa, propiciando aos pesquisadores um norte à pesquisa. Não queremos esgotar as discussões, mas trazer aporte, reflexões, críticas ao tema em debate, bem como aprimorar os conhecimentos que virão dos olhares externos, aptos ao nosso crescimento profissional e intelectual.

**Termos de indexação:** Educação do Campo, Pedagogia dos Movimentos, Reflexões.

### INTRODUÇÃO

O contexto educacional brasileiro tem passado por inúmeras transformações nos últimos anos, a necessidade de rever as práticas educativas, os currículos escolares, a proposta pedagógica da escola foram temas de debates intensos nos encontros educacionais, simpósios, seminários, entre outros encontros do meio acadêmico e do meio social. Esses encontros com a participação do governo, professores e organizações em geral tem traçado e buscado um novo perfil para o sistema educacional brasileiro.

Nesse contexto também se insere a educação do campo, aonde principalmente o Movimento Social o MST (Movimento dos Sem terra), vem trazendo aos mais diversos setores da

sociedade civil e organizada, as discussões, as práticas, os métodos inovadores, enfim, todo um novo redimensionamento para o trabalho com as escolas do campo. Sabemos que ao longo dos anos entre as próprias legislações educacionais, não se dava ênfase exclusivamente ao ensino no campo, sendo este tratado como normal para toda a legislação educacional, ou seja, ensino do campo e cidade seguia as mesmas normas, mesmos currículos, mesmo metodologias, mesmos livros didáticos, na maioria das vezes desligados dessa realidade do homem e da mulher do campo.

Com a luta dos movimentos sociais, principalmente o já citado anteriormente, surgem debates, críticas, sugestões e uma ampla discussão no meio educacional em todo o Brasil culminando com um documento oficial aprovado pelos legisladores e governo específico para o campo denominado “Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas Escolas do Campo<sup>1</sup>” que norteará todo o trabalho voltado no campo e para o campo, algo inédito na história da educação brasileira para com os camponeses e camponesas que fazem do campo seu lugar de vivência e sobrevivência.

Como tema inovador no meio educacional para muitos ainda desconhecidos a Educação do campo será discutida, refletida e tratada neste não em sua totalidade, algo impossível de ser feito, mas em argumentos e colocações claras, objetivas, embasadas em alguns teóricos que tratam do tema como Miguel Arroyo, Roseli Caldart, Mônica Molina<sup>2</sup> entre outros, além de tratarmos das Diretrizes Operacionais em alguns momentos. Assim, buscaremos oferecer ao leitor algumas reflexões, paradigmas de trabalho no

<sup>1</sup> As Diretrizes Operacionais para Educação Básica nas Escolas do Campo foram aprovadas pelo Conselho Nacional de Educação, seguindo o parecer e o voto da relatora Conselheira Edla Araújo Lira Soares, e estão instituídas na Resolução CNE/CEB nº 1, de 03 de abril de 2002.

<sup>2</sup> Ver Por uma educação no campo, Editora Vozes, 2. ed., 2004.

campo, dificuldades encontradas, a contextualização do trabalho no campo, dentre outros assuntos discutidos no intuito de promovermos além da discussão, contribuições por parte de quem ler este artigo, bem como pesquisadores na área educacional que visa trabalhar em sua pesquisa a educação do campo.

Como fora citado, não buscamos esgotar o tema debatido, mas oferecer subsídios para profissionais que atuam no campo, bem como estarmos abertos à receptividade dos complementos, das críticas, das sugestões dos leitores, vendo este como uma obra inacabada, mas em permanente construção. Esperamos que o leitor pudesse fazer deste uma leitura e reflexão prazerosa e que contribua de alguma forma para o seu crescimento profissional e de aprendizado sobre a temática da educação do campo.

### MATERIAL E MÉTODOS

Esta pesquisa de natureza qualitativa, embasa-se empiricamente na bibliografia voltada aos estudos da História da Educação do campo, abordando como essa educação passa-se despercebida e/ou desvalorizada pelos governos que historicamente conduziram o Brasil. Necessitando assim, muita luta, mobilização dos movimentos sociais, brigas ideológicas bem como outros meios de lutas para que trouxessem à tona a pauta da Educação do Campo como um direito inalienável aos moradores do campo historicamente também discriminados em diversificados aspectos. Para esse aparato teórico nos valem de textos construídos na lógica dos movimentos como o MST (Movimento dos Sem Terra) grande defensor dessa educação e elo principal da luta pelas políticas educacionais voltadas para o camponês. Nos embasamos em autores como Arroyo, Caldart, Molina e Mançano (2004), entre outros que trazem na Educação do Campo, alternativas viáveis e sólidas para o homem residente no campo, desmistificando assim que a escola do campo é viável e poderá trazer resultados significativos à aprendizagem e consequentemente, aos alunos.

### RESULTADOS E DISCUSSÃO

A história do campo brasileiro é a história de luta contra o cativo e o latifúndio, e pode ser lida em diversas maneiras. No Brasil todas as constituições contemplaram a educação escolar, merecendo especial destaque e abrangência do tratamento que foi dado ao tema a partir de 1934.

Até então, em que pese o Brasil ter sido considerado um país de origem eminentemente agrária, a educação rural não foi sequer mencionada nos textos constitucionais de 1824 e 1891, evidenciando-se, de um lado, o descaso dos dirigentes com a educação do campo, e do outro, os resquícios de matrizes culturais vinculadas a uma economia agrária apoiada no latifúndio e no trabalho escravo.

A educação do Campo é filha da luta pela terra. Nasce da construção de um projeto de vida no campo. Ela não faz sentido nas grandes propriedades monocultoras, onde as máquinas excluíram as pessoas. É em áreas habitadas por famílias que a escola ganha importância. Portanto, a concepção de Educação do Campo é oposta à que não faz distinção entre cidade e campo. Não distingue realidades diferentes, considerando tudo “farinha do mesmo saco”. É respeitando as especificidades de quem vive na terra que surge a forma de pensar a educação.

Assim pode-se dizer que a Educação do Campo é um processo de aprendizagem que acontece no campo e que é desenvolvido pelos educadores do campo voltado a atender os educandos que lá moram. Deve acontecer no campo, pois as pessoas que lá residem têm o direito de estudar. Deve ser para o campo, à medida que é pensada a partir de sua realidade, com a participação dos camponeses e vinculados à sua cultura. Isso tudo a caracteriza como uma Educação do Campo, porque responde às demandas sociais e humanas dessa população.

É importante ressaltar também que essa educação é direito conquistada historicamente e, portanto, dever do Estado provê-la. No entanto, ainda é grande a luta para que se tenha esse direito assegurado. Normalmente, a busca por escolas para os trabalhadores do campo esbarra em vários entraves. O primeiro deles é geográfico, ou seja, ela não está no campo. Depois, mesmo quando está lá, raras são às vezes em que foi pensada para o campo.

Dessa maneira a Educação do Campo luta por se concretizar através de instalações de escolas no campo com um projeto político pedagógico que respeite o imaginário camponês, e que esteja ligada à sua história, aos seus sonhos e aos seus desafios. Segundo Veiga (2005, p. 15) “a principal possibilidade de construção do projeto político-pedagógico passa pela relativa autonomia da escola, se sua capacidade de delinear sua própria identidade”. Acredita-se que a escola ajuda na formação identitária dos que por ela passam e por isso deve estar em sintonia com a cultura do povo trabalhador do campo quando está sendo responsável para formá-lo.

É para que isso aconteça que os movimentos sociais que atuam no campo se mobilizam para provocar um envolvimento maior e mais efetivo do poder público, que por meio de políticas públicas e não apenas de programas ou políticas compensatórias, garanta a solução do problema da ausência dessa escola do campo. É mister ressaltar que todas as conquistas e frutos que se tem até hoje em relação à educação camponesa, é reflexo da luta e da disposição dos movimentos sociais através de debates, ocupações, discussões intensas, enfim, uma longa batalha travada ao longo dos anos para garantir o direito à educação no campo. Igualmente as Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas Escolas do Campo, representam uma conquista de nossa caminhada. E uma mostra desse triunfo está no parágrafo único do Art. 2º:

A identidade da escola do campo é definida pela sua vinculação às questões inerentes à sua realidade, ancorando-se na temporalidade e saberes próprios dos estudantes, na memória coletiva que sinaliza futuros, na rede de ciência e tecnologia disponível na sociedade e nos movimentos sociais em defesa de projetos que associem as soluções exigidas por essas questões à qualidade social da vida coletiva do país.

Essa educação pretendida deve estar vinculada aos processos sociais de formação de sujeitos, porque na prática, não há como educar verdadeiramente o povo do campo sem transformar as condições precárias de vida em que foi obrigado a viver. Muitas vezes esse sujeito foi vítima de um processo de exclusão tão eficaz que nesse caminhar foi esquecendo suas tradições, seus costumes, e é na luta por transformações que foi reconstruída a sua identidade. A educação do Campo é hoje uma bandeira assumida por vários movimentos sociais camponeses, mas recebe significado junto à luta pela terra travada pelo MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra)<sup>3</sup>, afinal o campo

<sup>3</sup> Para quem não conhece o histórico do MST de perto ouvindo somente através da mídia os vêem como um bando de baderneiros, de invasores de terra, de gastadores dos recursos do governo, aspectos pregados pela mídia e pelos empresários do agronegócio, principais inimigos do Movimento dos Sem Terra. Procure conhecer melhor a história desses lutadores do povo e assim teremos uma nova visão desse movimento social tão excluído e perseguido pela sociedade, que nos trouxe muitas conquistas através de sua luta, de suas ocupações, de longos períodos embaixo de lonas pretas e de sol escaldante. Imagine-se nessa situação...

não é apenas produção, é também vida, cultura e educação.

Movimento realizado por diversas pessoas do campo quando fazem reivindicações, ou seja, movimento de camponeses reivindicando melhores condições de trabalho ou moradias, terras, lavouras etc. O ataque, no dia 08 de março deste ano, ao laboratório da Aracruz Celulose, na cidade de Barra do Ribeiro, Estado do Rio Grande do Sul, coloca em xeque algumas ações dos novos movimentos sociais, ao mesmo tempo em que acirra a discussão sobre pluralismo jurídico no âmbito da sociologia jurídica. O ataque simboliza o manifesto do Movimento das Mulheres Camponesas (MMC) contra o "deserto verde".

Debater a educação do campo é, em realidade, por em questão o projeto histórico de sociedade e de estrutura fundiária das elites brasileira, estas se associam de forma subordinada ao grande capital mundial, conflitos de ideologias em xeque.

## CONCLUSÕES

À guisa de conclusão do nosso trabalho, pode-se avaliar como positivo os resultados e conhecimentos colhidos na produção. Sabemos, pois das dificuldades e problemas enfrentados nas escolas do campo ao longo da história educacional brasileira. A falta de infraestrutura escolar, a falta de materiais nas escolas, a dificuldade do acesso das próprias crianças e professores para chegarem na escola, a distorção entre os currículos e livros didáticos que sempre foram muito padronizados e voltados para a realidade dos grandes centros urbanos.

Com todos esses problemas e dificuldades enfrentados no campo, tivemos o destaque da importância dos movimentos sociais, especialmente o MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra) através de uma intensa luta, ocupações, embate com os diversos órgãos governamentais e não governamentais, fizeram com que as autoridades e os responsáveis pela educação no Brasil, tivessem um novo olhar e desse um novo tratamento às escolas que estão no campo, pois elas devem estar no campo e servir para o campo, com currículos, livros didáticos e metodologias voltadas para a realidade camponesa. Com essas discussões conclui-se ser possível o trabalho nas escolas do campo, bem como nas turmas multisseriadas que gerem ensino aprendizagem, voltando-se para um ensino

condicionado à realidade sócio-cultural dos agentes envolvidos, valorizando seus saberes, conhecimentos, valores, entre outros aspectos que deem prazer de estarem na escola cotidianamente aprendendo.

Há muito que se aprofundar e melhorar nas escolas do campo, muitas lutas a serem travadas no âmbito político, educacional, ideológico. Esperamos que essas e outras iniciativas deem certo no intuito de levar uma melhor qualidade de ensino-aprendizagem também para as escolas do campo, direito constitucional garantido a essas escolas que trabalham com os camponeses no contexto atual da nossa educação.

### AGRADECIMENTOS

Ao Programa de Mestrado de Ensino PPGE, UERN, CAMEAM, que abre novos rumos e perspectivas à nossa formação e produção docente descobrindo na pesquisa o caminho para o crescimento intelectual, pessoal e profissional, exigências do atual contexto educacional.

### REFERÊNCIAS

BRASIL. **As Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas escolas do Campo.** Brasília, DF, 2001.

ARROYO, M. G.; CALDART, R. S. MOLINA, M. C. (Orgs.) **Por uma Educação do Campo.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

LUDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. **Pesquisa em Educação:** abordagens qualitativas, Temas básicos de Educação e Ensino. São Paulo: Epu, 1986.

VEIGA, I. P. A. (org.). **Projeto político-pedagógico:** uma construção possível. 12. ed. Campinas: Papyrus, 2005.



## A história da Escola Estadual Francisco Dantas nas narrativas de duas personagens (1950-1980).

**Francisco Fábio Monte<sup>(1)</sup>, Maria da Conceição Fernandes Pereira<sup>(2)</sup>, Cassia Michelle Nunes de Santana Silva<sup>(3)</sup>, Edinária Marinho da Costa<sup>(4)</sup>.**

- (3) Aluno do 2º período do Curso de Pedagogia; Membro do Projeto de Pesquisa e GPECI; Faculdade Evolução Alto Oeste Potiguar - FACEP; Pau dos Ferros/RN. E-mail: [fabinho.monte1@gmail.com](mailto:fabinho.monte1@gmail.com).
- (4) Aluna do 2º período do Curso de Pedagogia; Membro do Projeto de Pesquisa e GPECI; Faculdade Evolução Alto Oeste Potiguar - FACEP; Pau dos Ferros/RN. E-mail: [mariaacfp@hotmail.com](mailto:mariaacfp@hotmail.com).
- (5) Aluna do 2º período do Curso de Pedagogia; Membro do Projeto de Pesquisa e GPECI; Faculdade Evolução Alto Oeste Potiguar - FACEP; Pau dos Ferros/RN. E-mail: [cassiamichele@outlook.com](mailto:cassiamichele@outlook.com)
- (6) Mestra em Educação; Professora do Curso de Pedagogia Faculdade Evolução Alto Oeste Potiguar - FACEP; Pau dos Ferros/RN. E-mail: [edinaria\\_marinho@hotmail.com](mailto:edinaria_marinho@hotmail.com)

**RESUMO:** Este trabalho é fruto de uma pesquisa realizada na disciplina História da Educação, no curso de Pedagogia, na Faculdade Evolução Alto Oeste Potiguar. Tem como objetivo principal apresentar uma introdução da história da Escola Estadual Francisco Dantas, a partir das memórias e narrativas de duas personagens que passaram por essa instituição nos anos de 1970 e 1980. Essa instituição foi a primeira a ser implantada no município de Francisco Dantas, como também a primeira a oferecer o ensino público primário. A metodologia adotada partiu da história oral, que nos proporcionou a reunião de memórias e narrativas. As entrevistas utilizadas do tipo semiestruturadas, foram gravadas e transcritas posteriormente. As personagens deste trabalho tratam-se de uma professora primária e uma aluna, que fizeram parte da construção da história dessa instituição. Os resultados nos revelaram que a história dessa instituição está ligada à origem da trajetória da educação formal do município. Pesquisar o passado dessa escola nos levou a pensar nas suas contribuições deixadas às diferentes gerações de jovens, bem como a própria história e memória do município.

**Termos de indexação:** Francisco Dantas, narrativas, memórias.

### INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo apresentar uma introdução da história da Escola Estadual Francisco Dantas, a partir das memórias e narrativas de duas personagens que passaram por essa instituição nos anos de 1970 e 1980. Essa unidade de ensino, foi primeira instituição de ensino público criada no município de Francisco Dantas.

Como categoria de estudo, escolhemos a cultura escolar sob a perspectiva de Julia (2001), que a compreende como um conjunto de normas

que determinam os conhecimentos a ensinar e as práticas que permitem a transmissão desses conhecimentos e a incorporação de comportamentos.

Levando-se em conta a carência de fontes documentais na cidade a respeito dessa instituição, decidimos utilizar como metodologia a História Oral, a partir da qual podemos recuperar as memórias das personagens escolhidas, uma professora e uma aluna, que passaram pela instituição nos anos de 1970 e 1980. Para Von Simson (2003), a memória é compreendida como capacidade humana de reter fatos e experiências do passado e retransmiti-los às novas gerações através de diferentes suportes. A autora destaca ainda que a memória tem servido como matéria-prima para pesquisas em diferentes áreas das ciências sociais.

A escolha pelo recorte temporal, 1950 a 1980, deve-se porque essa primeira década configura o período de surgimento da escola. Quanto a essa segunda representa a época em que nossas personagens, eram professora e aluna.

### MATERIAL E MÉTODOS

Esta pesquisa foi resultado de uma investigação desenvolvida na disciplina da História da Educação, no 1º Período do curso de Pedagogia, na Faculdade Evolução. Logo no início da disciplina, ministrada pela professora Edinária Marinho da Costa, foi lançada a proposta de os alunos resgatarem e registrarem a história das instituições escolares mais antigas de suas cidades. Os grupos de alunos foram divididos de acordo com os municípios.

A metodologia adotada está sustentada na história oral, segundo os pressupostos de Menezes *et al* (2004) que a compreende como metodologia de pesquisa utilizada para o estudo

do tempo presente e passado presente, considerando a fonte principal de dados os pontos de pessoas que viveram fatos e os processos de experiências em estudo.

Para a realização e coleta de dados, optamos como recurso a entrevista semiestrutura a qual percebemos a sua maior praticidade ao desenvolvê-la e por considerarmos mais adequada a estrutura dessa pesquisa.

Na busca pelas memórias, elaboramos inicialmente com a colaboração da professora um roteiro de perguntas, para depois darmos início às entrevistas. Para melhores resultados na utilização desse instrumento, recorreremos ao uso do gravador. Depois, deu-se início a transcrição das narrativas dos sujeitos entrevistados.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

### A origem da Escola Estadual Francisco Dantas

A história da educação primária do município de Francisco Dantas tem seus primeiros vestígios no ano 1953. Na época, era uma pequena vila chamada Tesoura, a qual estava integrada ao município de Portalegre. Nesse período, a vila pacata era governada pelo Senhor Antônio Martins, que percebendo a necessidade em oferecer uma educação formal à população infantil e jovem desse lugarejo, constrói uma escola, denominada Escola Reunida Francisco Dantas.

A partir dos estudos de Costa (2014), identificamos que na década de 1950 a Escola Reunida, enquanto espaço escolar, representava um dos três tipos de escolas primárias oferecidas pelo sistema educacional no Rio Grande do Norte, e era constituída por duas ou quatro turmas, com o número de professores correspondente. A pesquisadora constatou em suas pesquisas que no estado, no período de 1940 e 1950, foram criadas várias Escolas Isoladas, Escolas Reunidas e alguns Grupos Escolares.

A Escola Reunida Francisco Dantas estivera localizada no espaço mais central do povoado, Rua Esmeraldo Dantas, e funcionava em dois turnos: o matutino e o vespertino. Nesse estabelecimento era oferecido o ensino da 1<sup>o</sup> a 5<sup>o</sup> série, e teve como primeira diretora a professora Filome na Sampaio.

No dia 26 de março de 1963, pela lei n. 2856, a vila Tesoura é desmembrada de Portalegre, dando origem ao Município Francisco Dantas. Novamente, o nome do fazendeiro Francisco Dantas de Araújo, é digno de homenagem, reverência social e política, tendo em vista a sua gloriosa trajetória de serviços

prestados a essa comunidade e região do Alto Oeste Potiguar.

Com a emancipação política desse lugar, o mais novo município norte-rio-grandense, Francisco Dantas, vive pela primeira vez a luta coletiva em prol do avanço da educação local. A comunidade percebendo a carência de uma educação de prestígio para seus filhos reivindica aos seus representantes políticos por um estabelecimento escolar mais amplo e adequado a finalidade do ensino, como também por professores qualificados ao ofício do magistério.

Os resultados dessa mobilização social, somente tiveram seus sinais de glória no ano de 1978, com a construção de um novo prédio escolar, durante a gestão do prefeito Dr. Gessy Dantas de Aquino. A data de inauguração ficou para o ano de 1979.

Inicialmente a Escola Estadual Francisco Dantas, passou a ofertar o ensino de 1<sup>a</sup> a 4<sup>a</sup> série, que passou a corresponder às primeiras séries do ensino de 1<sup>o</sup> grau, após a reforma da lei n. 5.692, de 1971. Na década de 1980, é chegado o momento de a educação franciscodatense avançar na sua história, oferecendo o ginásio (5<sup>a</sup> a 8<sup>a</sup> série) aos jovens e mocidade que almejavam prosseguir em seus estudos, e quem sabe, adquirir o diploma do tão sonhado ensino de 2<sup>o</sup> grau.

Na localidade de Francisco Dantas, percebemos que vários alunos que passaram pelos assentos escolares dessa instituição, recordam com deleite, entusiasmo e satisfação, das vivências e aprendizagens construídas no interior desse lugar educativo. Notamos ainda, o reconhecimento desses alunos referente à colaboração da Escola Estadual Francisco Dantas no processo de formação de suas personalidades e saberes científicos.

No ano de 2014 houve a anexação da Escola Estadual Francisco Dantas à Escola Estadual “26 de Março”. Esta última foi instalada no ano de 1984, pelo decreto n. 8.868, do dia 01 de fevereiro desse mesmo ano. Na ocasião, o nome que predominou foi “26 de Março”, ficando Escola Estadual “26 de Março”. Esta escola passou a oferecer, até os dias de hoje, o Ensino Fundamental e Ensino Médio.

### Vestígios de uma cultura escolar

Após a construção de um novo prédio escolar no município de Francisco Dantas na década de 1970, a Escola Reunida é transferida para essa nova sede. Esse deslocamento trouxe algumas mudanças para a organização do ensino na pequena cidade. Entre elas, a substituição na nomenclatura da instituição, deixando de ser Escola Reunida para se tornar Escola Estadual Francisco Dantas. Outra novidade dentro dessa



conjuntura educacional trata-se, como já dito anteriormente, da ampliação na oferta do ensino de 1º grau, de 1ª a 8ª série.

Na nova sede, Maria Felimar Fernandes de Q. Pereira, foi professora nos anos de 1970, e Maria da Conceição Germano, hoje professora, foi aluna do ensino de 1º grau na década de 1980.

Nessa instituição os turnos funcionavam pela manhã, tarde e à noite. Em alguns casos, em horários fora do padrão escolar, como por exemplo, às 18h e após as 22h.

A professora e aluna entrevistadas narram que o ensino daquela época era tradicional, pois o professor era detentor de todo conhecimento e respeito, não só no ambiente escolar, mas em toda a sociedade. A esse respeito Saviani (2005; 2008) comenta que na Pedagogia tradicional, o professor está no cerce do processo educativo, ficando o aluno numa condição de sujeito passivo.

Libâneo (1994), também explica que na Pedagogia tradicional, a atividade didática é centrada no professor que expõe e interpreta a matéria, amparando-se no método expositivo, o qual é visto como meio mais seguro para o desenvolvimento da fixação dos conteúdos pelos alunos.

A partir dos relatos da professora e aluna entrevistadas percebemos que na cultura da Escola Estadual Francisco Dantas, havia um grande respeito dos alunos para com seus professores, diretores e demais funcionários da instituição. O aluno mais ousado que desobedecesse às normas determinadas pela instituição escolar era severamente punido com o uso da palmatória ou da régua. Isso porque, o respeito e a obediência se constituíam em princípio de ordem dentro da escola.

A partir dos estudos de Pinheiro (2002), entendemos que essa forma de preservar a disciplina em sala de aula, tem sua origem no contexto social e cultural de uma sociedade escravocrata no Brasil. Segundo esse autor, comumente os proprietários de latifúndios para manter a ordem estabelecida aplicavam castigos físicos contra seus trabalhadores. Face a esse cenário, a escola pública acabava reproduzindo, em seu interior, práticas adotadas pela sociedade como um todo.

Hoje a aluna Maria da Conceição Germano relembra com saudade o seu tempo de aluna na Escola Estadual Francisco Dantas, manifestando ao mesmo tempo, o orgulho das grandes manifestações culturais, em forma de festas cívicas que aconteceram na escola.

Assim como a aluna citada acima, a professora Maria Felimar Fernandes de Queiroz Pereira, hoje aposentada, evoca emocionada da

sua trajetória nessa escola, como também da sua prática alfabetizadora, que proporcionou o desenvolvimento da leitura, da escrita e dos cálculos das quatro operações de tantas gerações de alunos.

A professora e a aluna entrevistadas encerram suas narrativas fazendo uma reflexão sobre a situação em que se encontra hoje nossa educação. No modo de visão delas, as famílias se mantêm alheias à educação de seus filhos, isto é, não têm acompanhado como deveria, a participação de suas crianças no processo de ensino-aprendizagem que acontece dentro da escola. Para elas, os pais têm atribuído ao professor responsabilidades que não são suas, e sim das famílias.

## CONCLUSÕES

Ao desenvolver a pesquisa na disciplina História da Educação, notamos que a história do ensino formal do município Francisco Dantas, nasce com a origem da Escola Reunida Francisco Dantas, em 1953, que no final dos anos de 1970 transforma-se em Escola Estadual Francisco Dantas.

Através das memórias das duas personagens, professora e aluna, bem como de outros atores ligados ou não à educação da localidade, fomos percebendo que o surgimento dessa escola primária, representou um marco importante para o ensino formal da comunidade, por isso, tornou-se digna do prestígio de toda a população local. As narrativas revelaram também que todas as crianças da comunidade desejavam estudar na Escola Estadual Francisco Dantas, sobretudo, no período de 1970 e 1980.

Com sua transferência para um espaço mais amplo e mobilhado, a instituição primária ganha maior notoriedade e traz de volta aqueles alunos franciscodantenses que se deslocavam para outros municípios por oferecerem escolas com mais comodidade.

A Escola Estadual Francisco Dantas, no recorte temporal analisado, oferecia um ensino pautado no modelo tradicional, cuja cultura escolar se difundia sob a ordem da disciplina, relação hierárquica, respeitosa, autoritária, de transmissão de conhecimentos, memorização de conteúdo, entre outras particularidades da pedagogia tradicional.

Portanto, podemos considerar que a Escola Estadual Francisco Dantas, representou e representa um grande significado histórico, social e educacional, que se encontra gravado na memória da comunidade do pequeno município de Francisco Dantas.

## REFERÊNCIAS

COSTA, E. M. **As práticas pedagógicas nas narrativas das professoras primárias de Apodi/RN (1946-1961)**. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN, Mossoró, 2014.

JULIA, D. A Cultura Escolar como Objeto Histórico. **Revista Brasileira de História da Educação**. Campinas: Autores Associados. nº 1, jan./jun. p. 9-43. 2001. Disponível em: <<http://www.rbhe.sbhe.org.br/index.php/rbhe/articloe/view/273/281>>. Acesso em: 06 de Abril de 2013.

LIBÂNIO, J. C. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1994.

MENEZES, M. et al. Uma entrevista em análise: olhares diversos. **Revista Pesquisa Qualitativa**, Bauru, v. 2, v. 1, p. 55-98, 2004.

PINHEIRO, A. C. F. **Da era das cadeiras isoladas à era dos grupos escolares na Paraíba**. São Paulo. Autores Associados/ Universidade São Francisco, 2002.

SAVIANI, D. As Concepções Pedagógicas na História da Educação Brasileira. **Projeto de Pesquisa**, Campinas: Histedbr, 2005.

\_\_\_\_\_. **História das ideias pedagógicas no Brasil**. Campinas: Autores Associados, 2008.

VON SIMSON, O. R. de M. Memória, cultura e poder na sociedade do esquecimento. **Revista Acadêmica**, v. 1, n. 6, p. 14-18, 2003. Disponível em: <[http://www.fics.edu.br/index.php/augusto\\_guzzo/article/view/57/63](http://www.fics.edu.br/index.php/augusto_guzzo/article/view/57/63)>. Acesso em: 23 abr. 2014.



## A trajetória docente de Francisca Vieira Higino da Silva na comunidade Panati (1980-2006).

**José Hélio de Oliveira Alfredo<sup>(1)</sup>, Edinária Marinho da Costa<sup>(2)</sup>.**

- (1) Aluno do 1º período do Curso de Pedagogia; Faculdade Evolução do Alto Oeste Potiguar - FACEP; Membro do Projeto de Pesquisa GPECI. Polo Marcelino Vieira/RN. E-mail: [heliopanati@hotmail.com](mailto:heliopanati@hotmail.com)  
(2) Mestra em Educação; Professora do Curso de Pedagogia; Faculdade Evolução do Alto Oeste Potiguar - FACEP; Pau dos Ferros/RN. E-mail: [edinaria\\_marinho@hotmail.com](mailto:edinaria_marinho@hotmail.com).

**RESUMO:** Neste trabalho objetivamos resgatar e registrar a trajetória profissional de uma professora do antigo primário, Francisca Vieira Higino da Silva, que começou a exercer o magistério, a partir da década de 1980 no povoado Panati, Zona Rural do município de Marcelino Vieira/RN. O estudo se desenvolveu através dos nortes da pesquisa qualitativa e da metodologia da História Oral. Para a coleta de dados recorremos à entrevista temática. Fundamentamos nos teóricos André e Candau (1984), Bosi e Quaresma (2005), Costa (2014), Morais (2000) e Von Simson (2014). A investigação acerca da trajetória profissional da professora trouxe resultados substanciais para reflexão sobre o itinerário do magistério na comunidade Panati, bem como para pensarmos nas lições, saberes e aprendizagens deixadas às gerações de jovens dessa comunidade.

**Termos de indexação:** Professora, itinerário, memória.

### INTRODUÇÃO

O anseio de pesquisar sobre a vida profissional da professora Francisca Vieira Higino da Silva surgiu através das leituras e discussões realizadas em sala de aula nas disciplinas, Metodologia da Pesquisa Científica e História da Educação, ministradas pela professora Edinária Marinho, no 1º Período do curso de Pedagogia, na Faculdade Evolução Alto Oeste Potiguar - FACEP.

Para a realização deste trabalho escolhemos o registro da história e memória da profissional Francisca Vieira Higino da Silva, uma vez que essa professora deixou significativas contribuições para a formação de muitas crianças e jovens do Panati, comunidade localizada a 15 km do município de Marcelino Vieira/RN. A opção pela escolha desse objeto de estudo, deve-se também por percebermos a ausência de trabalhos acadêmicos, que se propõem a pesquisar e registrar, em forma de texto científico, a grandiosa contribuição e experiências de professoras aposentadas da comunidade Panati e

demais localidades do município de Marcelino Vieira.

A profissão docente é destaque nas comunidades do interior do Rio Grande do Norte, tendo em vista isso, é importante um resgate histórico para o registro dessas trajetórias experienciais na docência. Sobre isso Costa (2014), vem demonstrando que as memórias de professoras primárias são fontes essenciais à reconstituição e preservação da história da profissão docente no interior do norte-riograndense. Neste sentido, os trabalhos de memórias e valorização destes docentes podem se tornar em conhecimentos científicos, nos espaços educacionais, sociais e culturais.

A respeito do trabalho com memórias Von Simson (2003, p.14) explica que “memória é a capacidade humana de reter fatos e experiências do passado e retransmiti-los às novas gerações através de diferentes suportes”. Isto nos ajuda a compreender que toda memória tem sua importância quando investigada e preservada.

No trabalho de coleta de dados, respaldamos na entrevista história de vida, partindo das orientações do Alberti (2004) que explica esse modelo de entrevista como aquele que centra sua atenção no próprio indivíduo. Assim, seguimos roteiros que nortearam os momentos da entrevista, na perspectiva de colher os dados condizentes ao foco almejado.

Portanto, este trabalho teve como objetivo central conhecer a trajetória docente de Francisca Vieira Higino da Silva, atualmente aposentada e residente no povoado Panati, situado no município de Marcelino Vieira/RN. O recorte temporal escolhido foi de 1980, ano de início de carreira da professora em Panati, e 2006, período em que se efetiva a aposentaria da professora.

### MATERIAL E MÉTODOS

Esta pesquisa está vinculada à área da História da Educação e apresenta uma natureza qualitativa, tendo em vista que buscamos na história e memórias da professora Francisca Vieira Higino da Silva, os sentidos, valores, crenças e significados de cada momento vivido



ao longo da sua trajetória na docência. Moraes (2000, p.01) afirma que “a reconstituição da memória das professoras possibilita um olhar sobre as práticas que no passado nortearam a formação desta geração”. A docente estudou até a 4ª série do ensino primário, e através de amizades e influências políticas se tornou atuante na prática do magistério.

Para a coleta de dados, utilizamos como instrumento a entrevista história de vida por considerarmos sua finalidade adequada à proposta desta pesquisa. De acordo com Alberti (2004, p. 37) as entrevistas de história de vida “têm como centro de interesse o próprio indivíduo na história, incluindo sua trajetória desde a infância até o momento em que fala [...]”. Assim, fomos colhendo os dados percebidos como essenciais ao alcance dos objetivos desta pesquisa.

Ao entrarmos em campo, fizemos uso de um roteiro constituído por diferentes questões, que nortearam os rumos da entrevista. Esta etapa da pesquisa aconteceu na residência da professora escolhida para narrar sua trajetória profissional. Em seguida, deu-se início a transcrição dos relatos; depois, a interpretação dos dados orais coletados.

Mais uma vez, esclarecemos que o sujeito do nosso estudo é a professora aposentada, Francisca Vieira Higino da Silva, que começou a lecionar na década de 1980, no povoado Panati, município de Marcelino Vieira/RN. A professora entrevistada é popularmente conhecida na comunidade por “Tica de Joel”. É casada com o Senhor Antônio de João Gino, e mãe de dois filhos. Durante sua trajetória na docência, formou-se no Projeto Logos II, que se tratava de um curso de formação a nível de 2º grau para os professores leigos do país. O logo II conseguiu atender uma grande clientela de professores leigos no estado do Rio Grande do Norte (ANDRÉ e CANDAU, 1984).

A professora de Panati, concluiu o Logo II no ano de 1983. Em 1999, ingressou no Pro-formação, colando grau em 2002. Francisca Vieira Higino da Silva aposentou-se no ano de 2006, depois de muitas lutas, superações e conquistas na sua trajetória profissional e pessoal.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Na década de 1980, a docente Francisca Vieira Higino da Silva, passa a exercer o magistério no sitio Panati, após ter casado com um rapaz que residia no povoado, facilitando assim a sua trajetória na docência. A vinda da professora para Panati, trouxe contribuições à

população que aqui residia, no que diz respeito à formação formal das crianças.

Francisca Vieira Higino da Silva, desempenhou o papel de professora na Escola Isolada Juazeiro, localizada no sitio Panati, pertencente à Escola Estadual Pe. Bernardino Fernandes na cidade de Marcelino Vieira/RN. As atividades do magistério aconteciam na casa da docente com uma turma de 40 alunos, num sistema multisseriado, da 1ª a 4ª série do ensino de 1º Grau. Nesta ambiência, é evidente que existiam muitas limitações, visto que tanto o espaço físico, como a quantidade de alunos em sala, era bastante desafiador para um fazer docente qualificado.

Em uma mesa grande de madeira, bancos e tamboretas, quadro negro na parede, a sala de aula se organizava. E assim, toda a clientela de estudantes assistiam às aulas de Tica de Joel, na sua própria residência. A preocupação principal da professora era que, os alunos aprendessem a ler e escrever. Para isto, se trabalhava a leitura com mais frequência, até mesmo como lição de casa. E na área da Matemática, era primordial o aluno aprender as quatro operações e total domínio da tabuada. Não era frequente à desobediência, pois os discentes tinham muito respeito pela professora. Isso também, se devia pela exigência dos pais, com seus filhos, quanto ao comportamento obediente nas aulas. Os alunos eram avaliados através de provas, que exigiam o método da decoreba de conteúdos. Auxiliada pelo quadro-negro, giz e livros, a professora ministrava suas aulas com compromisso e responsabilidade. Não era fácil desenvolver suas aulas em um ambiente que não tinha muitos recursos para trabalhar. Em contrapartida, relata a professora que “diante de tudo isso foi gratificante porque naquela época os alunos demonstravam muito desempenho na sala de aula” (Professora Francisca Vieira H. da Silva, 2015).

A docente, sempre buscou e conquistou a cada momento, a confiança dos pais para que seus filhos permanecessem naquele lugar, tão improvisado, mas chamado de escola. Com relação à disciplina e ordem na sala, perguntamos como ela procedia, e se recorria as punições físicas, como por exemplo, o uso da palmatória. E ela responde: “Sempre tive domínio em sala de aula, não tinha necessidade de ta(*sic*) usando a palmatória”.

No tocante à merenda escolar e as demais atividades que se realizassem em sala de aula, tudo ficavam sob a responsabilidade da professora. Ela mesma preparava o lanche das crianças, fazia a distribuição, como também tomava as decisões que fossem necessárias para

o funcionamento da escola. Podemos assim, perceber que, era uma tarefa árdua, que exigia da docente compromisso, zelo e abnegação.

Alguns alunos tinham mais facilidades de aprender e outros tinham suas limitações. Sobre isso a professora explica: “Tinha alunos que aprendiam rápido, outros eram mais devagar na escrita, mas eu procurava sempre fazer com que todos saíssem lendo e escrevendo, como também dominando as operações” (Francisca Vieira H. da Silva, 2015). Neste sentido, a sua maneira de atuar na sala de aula, despertava nos discentes os anseios e vontades de estudar com mais frequência. Muitos destes alunos passaram a estudar na cidade de Marcelino Vieira/RN, para continuar sua trajetória estudantil, uma vez que na comunidade Panati só oferecia o ensino até a 4ª série do 1º Grau.

Para Francisca Vieira H. da Silva, os alunos deixaram marcas em sua vida profissional e pessoal, como a admiração, o respeito e a consideração. Assim, relata: “foi na minha profissão que tive o privilégio até hoje de receber de meus alunos um conceito tão acentuado de Dona Francisca” (Francisca Vieira H. da Silva, 2015). Atualmente aposentada, com 67 anos de idade, tem a companhia de seu esposo, filhos e netos, e se sente orgulhosa da sua trajetória no magistério. A professora hoje mostra que continua ativa no trabalho, ocupando-se de atividades como vendedora autônoma, na localidade de Panati.

Muitos discentes que estudaram com Francisca Vieira, chegaram a ocupar espaços nas universidades, alguns como alunos e outros como docente. Isso demonstra as contribuições deixadas por essa professora à formação de vários jovens panatienses.

## CONCLUSÕES

Os relatos da docente Francisca Vieira nos oportunizam a compreensão de que o trabalho em sala aula, nos primeiros anos da vida escolar, se torna primordial, quando enxergamos os frutos de todos na luta pelo conhecimento. Suas narrativas nos permitem ainda uma reflexão sobre a vida pessoal e profissional desta e outras docentes que sempre atuaram no meio rural, enfrentando as diversidades e dificuldades típicas da educação do campo.

É relevante destacar, que o trabalho apresentado torna-se uma experiência de grande importância para a professora que relatou suas memórias, como autora de sua própria história, na certeza de que deixou contribuições significativas, para a comunidade estudantil.

Portanto, trazer à tona a trajetória de vida profissional da docente, “Tica de Joel”, no

povoado de Panati, é apresentar as dificuldades que enfrentaram as professoras que sempre atuaram na educação do campo, em especial nas Escolas Isoladas. É destacar também as lutas e superações destas ‘mulheres do campo, guerreiras, heroínas’, na arte de ensinar.

## AGRADECIMENTOS

Ao Projeto de Pesquisa GPECI, na Faculdade Evolução Alto Oeste Potiguar - FACEP, uma que vez que tem nos apresentado a pesquisa como o principal caminho para a descoberta e a formação reflexiva na academia.

## REFERÊNCIAS

ALBERTI, V. **Manual de história oral**. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

ANDRÉ, M. E. A. D; CANDAU, V. M. Projeto Logos II e sua atuação junto aos professores leigos do Piauí: um estudo avaliativo. **Caderno Pesquisa**. São Paulo. p. 22-28, ago. 1984.

COSTA, E. M. **As práticas pedagógicas nas narrativas das professoras primárias de Apodi/RN (1950-1960)**. In: III Congresso Luso-Brasileiro, Anais...Lisboa, v.III, 2000.

## Grupo Escolar José Marcelino: um resgate de sua história nas vozes de suas professoras (1959 - 1964).

**Mayara Adriana Da Silva Maia<sup>(1)</sup>, Eduardo Jacinto da Silva Neto<sup>(2)</sup>, Janiclessia Aquino Lima<sup>(3)</sup>, Maria Isabela Fortunato Silva<sup>(4)</sup>, Edinária Marinho da Costa<sup>(5)</sup>.**

<sup>(1)</sup> Aluna do 2º Período de Pedagogia; Membro do Projeto de Pesquisa e GPECI; Faculdade Evolução do Alto Oeste Potiguar - FACEP; E-mail: mayarasyva@hotmail.com

<sup>(2)</sup> Aluno do 2º Período de Pedagogia; Faculdade Evolução do Alto Oeste Potiguar - FACEP; Pau dos Ferros/RN; E-mail: eduardojacinto9999@gmail.com

<sup>(3)</sup> Aluna do 2º Período de Pedagogia; Faculdade Evolução do Alto Oeste Potiguar - FACEP; Pau dos Ferros/RN; E-mail: janiclessiaaquino@hotmail.com

<sup>(4)</sup> Aluna do 2º Período de Pedagogia; Membro do Projeto de Pesquisa e GPECI; Faculdade Evolução do Alto Oeste Potiguar - FACEP; Pau dos Ferros/RN; E-mail: misabelaforte@hotmail.com

<sup>(5)</sup> Mestra em Educação; Professora do Curso de Pedagogia; Faculdade Evolução do Alto Oeste Potiguar - FACEP; Pau dos Ferros/RN; E-mail: edinaria\_marinho@hotmail.com

**RESUMO:** O trabalho a seguir apresenta o resultado de várias discussões, pesquisas e resgates desenvolvidos na cidade de Marcelino Vieira, sobre a história do Grupo Escolar José Marcelino. Este estudo foi desenvolvido pelos alunos do curso de Pedagogia do 1º período, na disciplina História da Educação, da Faculdade Evolução. O objetivo deste trabalho é resgatar a história do Grupo Escolar José Marcelino, num recorte temporal que se estende de 1959 a 1964. A metodologia respaldou-se na história oral, a fim de se ouvir e deixar registradas as narrativas e versões das professoras primárias que fizeram parte da história desse espaço de ensino. O Grupo Escolar José Marcelino, originou-se da Escola Reunida, e sua permanência perdurou até o ano de 1964.

**Termos de indexação:** História, Narrativas, Ensino Primário.

### INTRODUÇÃO

Com este resumo iremos denotar o trabalho desenvolvido na cidade de Marcelino Vieira, que teve como objetivo resgatar a história do Grupo Escolar José Marcelino, num recorte temporal de 1959 a 1964.

Sabendo da riqueza que a pesquisa em História da Educação dispõe para a formação do aluno graduando em Pedagogia, a professora Edinária Marinho da Costa, ministrante da disciplina História da Educação, durante o 1º Período do curso, nos propôs o trabalho de investigação acerca da história de origem das primeiras escolas de nossas cidades.

Para o desenvolvimento da pesquisa, buscamos apoio na metodologia da história oral, onde utilizamos como fonte principal as versões e visões, em forma de narrativas, de professoras

primárias que lecionaram no Grupo Escolar José Marcelino.

O recorte temporal escolhido, 1959 a 1964, explica-se porque esse primeiro representa o ano em que a instituição em foco foi criada, e o período final, define seu ano de extinção.

A partir do contato com as leituras da História da Educação, passamos a conceber a necessidade de um estudo mais aprofundado referente à trajetória das instituições escolares das cidades em que residimos, bem como sobre a importância de sua preservação para que esses estabelecimentos não caíam no esquecimento social.

### MATERIAL E MÉTODOS

Este trabalho foi desenvolvido através da disciplina História da Educação que teve como uma de suas finalidades resgatar e preservar, em forma de texto, a história e memórias das instituições mais antigas das cidades da região do Alto Oeste Potiguar.

No decorrer da disciplina foram estudados, minuciosamente, os textos do pesquisador Saviani (2008; 2005), sobre a história das concepções pedagógicas no Brasil. Além desse referencial, foram trabalhados artigos científicos que tratam da história de alguns grupos escolares do Rio Grande do Norte, como o “Grupo Escolar Joaquim Correia”, criado no ano de 1910 na cidade de Pau dos Ferros, o qual foi objeto de análise da autora Medeiros Neta (2011).

Também tivemos a oportunidade de conhecer melhor a expansão dos grupos escolares no estado norte-rio-grandense, desde 1908 (ano que surgiu o primeiro grupo escolar no estado) até os anos de 1950, a partir das investigações da pesquisadora Costa (2014).



Esta pesquisa trata-se de um estudo qualitativo, uma vez que buscamos resgatar a história do Grupo Escolar José Marcelino, levando em consideração a subjetividade dos sujeitos entrevistados.

No decorrer da investigação foram realizadas várias visitas na Escola Padre Bernardino Fernandes, onde se encontravam alguns vestígios do Grupo Escolar José Marcelino.

Quanto aos sujeitos selecionados para narrar essa história, referem-se a duas professoras primárias: Maria Eliezita Pontes (77 anos de idade) e Terezinha Diniz de Freitas Oliveira (81 anos). O trabalho com as entrevistas seguiu um roteiro, de temas e perguntas distintas. As entrevistas realizadas na casa de cada professora.

Para a construção dessa, fizemos uso do gravador, para depois darmos início a transcrição e interpretação de cada versão narrada.

O trabalho de campo teve início no período de 20 de abril de 2015 e se estendeu até o dia 15 de maio de 2015, tendo em vista que nem todos os integrantes do grupo residiam no mesmo município. A cidade escolhida como *locus* da pesquisa foi Marcelino Vieira, uma vez que foi neste município onde o Grupo Escolar José Marcelino fora instalado.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

O Grupo Escolar José Marcelino foi inaugurado no ano de 1959, onde foi instalado em um prédio que funcionava a escola reunida daquela localidade. A instituição tratava-se de um prédio de aparência simples, localizado no centro da cidade. A escola contava com duas salas que agregavam mais ou menos 44 alunos, cada uma. No interior do espaço físico da instituição, havia um alpendre que era usado para distribuição dos lanches.

As professoras retratam que a escola apresentava uma grande escassez de materiais didáticos, carência no imobiliário, falta de água encanada, dentre várias carências físicas e pedagógicas. Era feito vários mutirões para arrecadar fundos para manter a escola, que apesar de todos os desafios venceu as dificuldades, juntamente com os familiares dos educandos. Elas ressaltam ainda que o objetivo de ensinar era ler, escrever, contar, e respeitar.

Percebe-se, através das versões das professoras, que o ensino daquela época era bastante rígido, autoritário e conteudista. Sobre o ensino tradicional Saviani (2005) destaca que somente o professor possuía o conhecimento para ensinar e decidir, enquanto o aluno assumia um papel somente de receptor de conteúdos.

‘Dona Terezinha’ relembra que naquela época os professores eram vistos como uma autoridade de grande importância e se tinha um grande apreço por eles.

No Grupo Escolar José Marcelino, havia vários eventos de comemorações, entre eles o dia 7 setembro, que exigia muito ensaio para que no momento da apresentação ocorresse tudo com perfeição. Os pais dos alunos se dedicavam ajudando com o que pudesse para que no dia do desfile seus filhos estivessem bem preparados.

Portanto em 1964, por causa da decadência estrutural o prédio foi demolido, levando-se assim todos os alunos e docentes do Grupo Escolar José Marcelino para a Escola Padre Bernardino Fernandes, que adotou todos os alunos.

## CONCLUSÕES

A partir deste estudo tivemos a oportunidade de não só conhecer a história do Grupo Escolar José Marcelino, como de oferecer à população local o conhecimento histórico sobre essa primeira instituição de ensino erguida no município de Marcelino Vieira. Além do mais, foi de grande contribuição para nossa formação acadêmica, profissional e pessoal.

Durante o encaminhamento do trabalho obtivemos uma grande riqueza de conhecimentos que levaremos como referências durante toda a nossa existência.

Portanto, este trabalho propiciou, além das oportunidades aqui expostas, um registro histórico introdutório da história da educação primária do município de Marcelino Vieira, o qual poderá servir de conhecimentos à sociedade vieirense.

## REFERÊNCIAS

COSTA, E. M. **As práticas pedagógicas nas narrativas das professoras primárias de Apodi/RN (1946-1961)**. Dissertação (Mestrado em Educação) Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

NETA MEDEIROS, O. **O Grupo Escolar Joaquim Correia**: uma introdução à história da educação de Pau dos Ferros (RN) na primeira metade do século XX. IN.: XXVI SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – ANPUH, 2011, São Paulo, Anais... São Paulo, 2011, p. 1-7.

SAVIANI, D. **História das ideias pedagógicas no Brasil**. Campinas: Autores Associados, 2008.

\_\_\_\_\_. **História das ideias pedagógicas no Brasil**. Campinas: Autores Associados, 2008.

## Relatos (auto) biográficos de uma professora primária da década de 1970.

**Thayse Mychelle de Aquino Freitas<sup>(1)</sup>; Edinária Marinho da Costa<sup>(2)</sup>.**

(1) Aluna do 5º período do Curso de Pedagogia; Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN; Campus central Mossoró/RN; E-mail: [thayse-tatasinha@hotmail.com](mailto:thayse-tatasinha@hotmail.com);

(2) Mestra em Educação; Professora do Curso de Pedagogia; Faculdade Evolução do Alto Oeste Potiguar - FACEP; Pau dos Ferros/RN. E-mail: [edinaria\\_marinho@hotmail.com](mailto:edinaria_marinho@hotmail.com)

**RESUMO:** O presente trabalho está centrado na história de vida, relatos biográficos, bem como nas narrativas acerca da formação e da trajetória docente da professora primária Rita Ferreira Gama de Souza, que lecionou nos anos de 1970 em Apodi/RN. Ressaltamos a importância da valorização de se ouvir a voz de professores e dar o devido valor a suas experiências. A metodologia utilizada foi baseada na pesquisa de natureza qualitativa com dados coletados a partir de uma pesquisa bibliográfica, bem como de narrativas (auto) biográficas. O estudo referente às experiências, saberes e lições de vida dessa professora primária, trouxe contribuições significativas para nosso processo de formação, como também para a reflexão acerca dos dispositivos formativos, criando assim espaço para a compreensão da nossa própria prática. A partir das narrativas da professora Rita Ferreira Gama de Souza, percebemos que sua prática educativa estivera sustentada nos pressupostos escolanovistas, uma vez que pois concebia seu aluno como um ser ativo e reflexivo em sala de aula.

**Termos de indexação:** Trajetória de vida, prática educativa, educação primária.

### INTRODUÇÃO

A finalidade deste texto é apresentar, a partir do trabalho com narrativas, as tendências pedagógicas subjacentes na prática educativa da professora Rita Ferreira Gama de Souza no exercício da sua docência, num recorte temporal que privilegia os anos de 1970. Escolhemos esse período, por representar o início da carreira docente dessa professora.

O interesse por essa discussão aflorou através dos debates realizados em sala de aula na disciplina História da Educação Brasileira, no 2º Período do Curso de Pedagogia, na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN.

Partindo disso, este estudo tem o objetivo de resgatar as experiências mais marcantes da trajetória de vida e da carreira profissional da professora Rita Ferreira Gama de Souza, no

intuito de captar através da voz, conhecimentos, saberes e lições significativas tanto para a pessoa narradora, como para nós ouvintes que vivemos hoje um processo de formação no âmbito universitário.

Na construção da pesquisa, buscamos saber da professora, como se procedeu seu itinerário na formação profissional, sua atuação em sala de aula, as relações produzidas entre docente e aluno, e o enfrentamento das dificuldades superadas.

Para a concretização deste trabalho escolhemos o registro da narrativa (auto) biográfica da professora primária apodiense, Rita Ferreira Gama de Souza, uma profissional admirável que superou muitas dificuldades para conseguir ser professora.

Segundo Souza (2007) as biografias educativas permitem, também, aprofundar-se num campo subjetivo e concreto, através do texto narrativo, das representações de professores sobre as relações ensino-aprendizagem, sobre a identidade profissional, os ciclos de vida, buscando entender os sujeitos e os sentidos e situações do/no contexto escolar.

Com base nessa perspectiva, passaremos a apresentar uma pequena parte da trajetória vida da professora Rita Ferreira Gama de Souza, partindo dos seus momentos na infância e perpassando pela sua formação primária, ginásio, magistério e ensino superior.

Por fim, sua carreira como educadora no primário e no ginásio, manifestando suas dificuldades, tristezas e perdas, como também suas superações, euforias, conquistas e vitórias.

### MATERIAL E MÉTODOS

A metodologia deste trabalho buscou apoio na pesquisa de natureza qualitativa com dados coletados a partir de uma pesquisa bibliográfica. Além disso nos pautamos na história de vida, onde utilizamos as narrativas (auto) biográficas construídas através de uma entrevista organizada por meio de roteiro que contemplou alguns eixos temáticos, como: dados pessoais, formação e carreira profissional e atuação na sala de aula. A



entrevista foi pertinente para a construção de narrativas (auto) biográficas, visto que elas forneceram os subsídios necessários para a elaboração deste trabalho.

Souza (2007) revela que as narrativas (auto) biográficas estão em crescente utilização em educação e busca evidenciar e penetrar nos relatos sobre as experiências educativas e educacionais, assim como entender os processos históricos relativos à educação em seus diferentes tempos. Isto nos mostra a importância de registrarmos as memórias e experiências.

Deste modo, a escrita narrativa (auto) biográfica nos possibilita falar e ouvir, ler e escrever sobre as experiências da professora primária Rita Ferreira Gama de Souza, compreendendo sua forma de agir e pensar na educação, trazendo contribuições para nosso processo de formação, bem como a reflexão sobre os dispositivos formativos criando espaço para a compreensão da nossa própria prática. Como afirma Souza (2007, p.21) o pesquisador que trabalha com narrativas “interroga-se sobre suas trajetórias e seu percurso de desenvolvimento pessoal e profissional, mediante a escuta e a leitura da narrativa do outro”.

O primeiro passo foi o levantamento bibliográfico e análise do mesmo. Nesta ocasião, buscamos um aporte teórico que pudesse subsidiar a pesquisa. Nesta ocasião fundamentamo-nos nos teóricos Abreu e Minhoto(2012), Freire (2013), Saviani (2005), Silva (2012) e Souza (2007).

Ao entrarmos em campo, fomos orientadas por um roteiro contemplando diferentes questões acerca da trajetória pessoal e profissional da professora narradora. A entrevista foi gravada em áudio na residência da professora. Posteriormente, fizemos a transcrição e análise das narrativas (auto) biográficas.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

A professora primária Rita Ferreira Gama de Souza nasceu em 1949, na comunidade Caboclo, Zona Rural do município de Apodi/RN. Marcada por uma infância difícil e pela perda de sua mãe, buscou em seu pai incentivo e apoio para seu sonho de estudar e ser professora.

Na década de 1950 iniciou seus estudos no primário, que nesta época era particular. Seu pai pagava uma professora em uma comunidade rural próxima chamada Bico Torto, para que ela pudesse aprender a ler e escrever. A escola funcionava na residência da própria professora. O alpendre da casa, pelas manhãs, transformava-se em sala de aula.

A professora nos narra que encarou o exame de admissão, conseguindo êxito e a passagem

para o ingresso no ginásio. Na opinião de Valente *apud* Abreu e Minhoto (2012, p.108), o exame de admissão “funcionou como um verdadeiro rito de passagem no processo de seleção à continuidade dos estudos, representado pelo ingresso no ginásio acadêmico”. Após ser aprovada no exame de admissão, professora Rita cursou o ginásio na cidade de Mossoró/RN.

É perceptível a persistência da professora Rita, pois em meio a tantos obstáculos se mostrou forte e determinada a lutar pela conquista de seus objetivos. O seu esforço no percurso escolar se alargou em 1975, ano em que marcou seu ingresso na Escola Normal de Mossoró. A professora concluiu sua formação no magistério aos 20 anos de idade, e no intuito de ampliar cada vez mais sua formação, no mesmo ano prestou vestibular na UERN para o curso de pedagogia. Nesta época, essa instituição de ensino superior era privada, o que a levou a desistir, interrompendo assim, por algum tempo, sua formação continuada.

A professora ‘Dona Rita’, iniciou sua carreira docente no início dos anos 1970 em Mossoró/RN durante seu primeiro ano de magistério em Mossoró, ensinando o Mobral a crianças com necessidades especiais na PAE – Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais. No segundo ano de magistério começou a lecionar na Escola Municipal Presidente Kenedy no ensino primário, em Mossoró.

A professora recorda que logo após concluir o magistério em 1975, recebeu uma proposta do diretor de uma escola estadual da época para lecionar de 5º a 8º ano na cidade de Apodi. ‘Dona Rita’, recém-formada, aceitou a proposta, e ensinou durante um ano nessa escola no turno matutino e vespertino. Ela não soube nos dizer qual o nome desta escola. Durante o turno noturno, a professora dava aulas particulares em sua casa.

No ano seguinte, 1976, deixou a sala de aula para trabalhar no NURE - Núcleo Regional de Educação (atual Dired) em Apodi, local onde trabalhou durante vinte anos. Em 2003, retomou a prática docente, dessa vez na Educação Infantil. Na Creche Sonho de Criança a docente lecionou por 04 (quatro) anos. A professora nos relata que durante os anos em que lecionou na educação infantil se sentiu mais realizada, destinando parte de suas aulas para brincadeiras e diálogos, deixando seus alunos livres para aprender e demonstrar suas dificuldades. De acordo com a fala da professora, Rita Ferreira Gama de Souza, podemos perceber relações das suas práticas educativas com os pressupostos da Pedagogia Renovadora. Segundo Saviani (2005), esta concepção pauta a centralidade no aluno, uma vez que o professor deixa de ser apenas um



transmissor de conhecimento, e o aluno passa a ser um sujeito ativo em sala de aula. De acordo com Lourenço Filho *apud* Silva (2012, p. 03) na pedagogia nova os alunos são instigados a “aprender observando, pesquisando, perguntando, trabalhando, construindo, pensando e resolvendo situações problemáticas apresentadas [...]”.

Segundo ‘Dona Rita’, em meados de 2007, assumiu uma turma de jovens e adultos, pelo programa “Lendo e Aprendendo”. Lecionou nessa turma durante 06 (seis) meses. Ela narra que no ensino de jovens e adultos aprendeu muito com as experiências de vida de seus alunos, segundo ela buscava sempre escutar o seus alunos e manter um bom relacionamento com eles, o que considera muito gratificante e significativo. Conforme Freire (2013) o professor deve saber escutar seus alunos, não falando autoritariamente se colocando como portador da verdade, mas ouvindo-os, pois é assim que aprendemos a falar com eles.

Além disso, ela nos narra que sempre se sentiu segura em sala de aula, pois estudava bastante para dar o seu melhor e ter condições de dar o suporte necessário para seus alunos, fala que elaborava sempre seu planejamento, pois achava que era uma maneira de estar preparada em sala de aula. A fala da professora, nos conduz ao encontro das ideias de Freire (2013, p.90) quando nos esclarece que “o professor que não estuda, que não se esforça para estar a altura de sua tarefa não tem força moral para coordenar as atividades de sua classe”.

Procuramos saber com a professora sobre o que era ser professora em sua concepção, e ela nos responde: “ser professora é dar algo para o aluno e receber algo em troca também. Quem é professor aprende muito com seu aluno”. Freire (2013) vem afirmar que o ser humano é inacabado, ou seja, ele sempre tem algo a aprender, o professor não é o único detentor de conhecimentos os alunos também têm muito a ensiná-los com suas experiências de vida diárias.

A professora relata ainda que exercia uma comunicação harmônica com seus alunos. ‘Dona Rita’, coloca sua relação afetuosa com os alunos, como um dos principais marcos da sua trajetória docente, de modo que não comprometesse sua autoridade em sala de aula.

Na Pedagogia Renovadora, a afetividade é vista como um fator de um elemento pedagógico importante para o desenvolvimento da prática educativa, visto que contribuiria na construção para um convívio harmonioso e prazeroso na ambiência escolar.

Questionamos a professora, como ela mantinha a ordem na sala de aula. Ela nos

explica que sempre foi muito amiga de seus alunos, e que sempre conversava com eles sobre a importância da disciplina, comportamento e respeito. A fala da professora nos remete novamente a Freire (2013) quando ele afirma que a autoridade coerentemente democrática do professor em sala de aula, dá a liberdade aos seus alunos para a construção de sua disciplina, ficando livres os alunos começam a aprender e a assumir a responsabilidade por suas ações.

## CONCLUSÕES

À guisa de conclusão, concebemos que a prática educativa da professora Rita Ferreira Gama de Souza estava em oposição ao contexto educacional de sua época, visto que se predominava uma Pedagogia Tecnicista no Brasil. Enquanto que a prática educativa da professora estava muito mais voltada aos interesses individuais do aluno, como também a produção de uma formação intelectual, capaz de inseri-lo no contexto da prática social. Sua ação pedagógica partia ainda da valorização da realidade concreta do discente e da construção do diálogo, entendido como um princípio educativo e de conscientização na Pedagogia Freireana.

Desse modo, a professora incluía seu aluno no centro do processo de ensino e aprendizagem, o qual passaria a ter “vez e voz”. Ou seja, ‘Dona Rita’, não concebia seu aluno apenas como um receptor de conhecimentos, mas como um sujeito histórico que possuía saberes singulares e que podia contribuir para a edificação de um ensino mais significativo, tanto para si mesmo, como para o próprio trabalho docente.

Partindo dessas apresentações, é possível presumir que as práticas educativas da professora, que aqui narrou a sua trajetória docente, não estiveram neutras, mas subsidiadas (mesmo que inconscientemente) pela Pedagogia Renovadora e Libertadora de Paulo Freire.

Ao longo das narrativas da professora Rita Ferreira Gama de Souza, percebemos o quanto ela foi persistente, corajosa e batalhadora para se construir como professora. As dificuldades enfrentadas, não foram fortes o suficiente para intimidar os anseios da vida profissional e pessoal dessa autora.

Ao concluir, acreditamos que este trabalho de narrativas (auto) biográficas, desenvolvido com a professora Rita Ferreira Gama de Souza, teve uma importância valiosa para a narradora, por lhe possibilitar a compreensão dos processos de formação, como também por se constituir num exercício de encenação do sujeito que se torna autor e produtor da sua própria história, ao pensar na vida de modo global, nos seus conhecimentos



adquiridos e marcados no passado, e ainda nos desafios do presente, entre as memórias visitadas e o futuro projetado (JOSSO, 2010).

Este estudo, também trouxe novas descobertas e aprendizagens substanciais para nós ouvintes e pesquisadoras, que vivemos um processo de formação inicial e continuada pela construção da identidade do 'ser professor'. Além do mais, a pesquisa (auto) biográfica é uma alternativa relevante para a preservação da história e memórias de professores(as) que tanto ajudaram na edificação da história da educação brasileira e norte-rio-grandense.

### REFERÊNCIAS

ABREU, G. S. A. de; MINHOTO, M. A. P. Política de admissão ao ginásio (1931-1945): conteúdos e forma revelam segmentação do primário. Revista HISTEDBR On-Line, v. 12, n. 46, 2012.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** 44. ed., São Paulo: Paz e Terra, 2013.

JOSSO, M.-C. **Experiências de vida e formação.** 2. ed. São Paulo: Paulus, 2010.

SAVIANI, D. **As Concepções Pedagógicas na História da Educação Brasileira.** Projeto de Pesquisa, Campinas: Histedbr, 2005.

SILVA, A. P. da. **O embate entre a pedagogia tradicional e a educação nova: políticas e práticas educacionais na escola primária catarinense (1911-1945).** UFSC, 2012.

SOUZA, E. C. de. **Histórias de vida e formação de professores.** 2007.

## Trajetória de uma vida escolar: entre vivências significativas, lições aprendidas e experiências formadoras.

**Tília Galgane de Oliveira Freire<sup>(1)</sup>; Edinária Marinho da Costa<sup>(2)</sup>.**

<sup>(1)</sup> Aluna do 3º Período do curso de Pedagogia; Faculdade Evolução do Alto Oeste Potiguar - FACEP; Polo de Apodi/RN; E-mail: [tiliapodi@hotmail.com](mailto:tiliapodi@hotmail.com)

<sup>(2)</sup> Mestra em Educação; Professora do Curso de Pedagogia; Faculdade Evolução do Alto Oeste Potiguar - FACEP; Pau dos Ferros/RN; E-mail: [edinaria\\_marinho@hotmail.com](mailto:edinaria_marinho@hotmail.com)

**RESUMO:** Este trabalho trata-se de uma reflexão acerca das minhas memórias escolares até a chegada no curso de Pedagogia. Sua construção é fruto das experiências produzidas na disciplina História da Educação, no curso de Pedagogia na Faculdade Evolução Alto Oeste Potiguar. A partir deste escrito, objetivo refletir sobre minhas vivências escolares mais marcantes, construídas no ensino básico até o ingresso no curso de Pedagogia em 2014. A metodologia adotada partiu da abordagem de história de vida e do método de pesquisa (auto)biográfico, onde busco por meio das memórias, observar, sentir e resgatar momentos significativos da minha formação escolar e pessoal. O exercício reflexivo me proporcionou o reencontro com as vivências da vida escolar, perceber as lições aprendidas, bem como reconhecer as experiências formadoras, a partir do trajeto inicial construído no curso de Pedagogia.

**Termos de indexação:** Vida escolar. Pedagogia. Formação.

### INTRODUÇÃO

A vida escolar no ensino fundamental é o ponto de partida para uma construção da vida social, intelectual e cultural do ser cidadão, que quando bem conduzida, fomenta no indivíduo a vontade vigorosa de prosseguir sua carreira escolar, e de posteriormente, ingressar na universidade, no intuito de ganhar uma profissão e ascensão social.

A reflexão sobre um itinerário existencial, desde os primeiros passos dentro de uma escola até os dias atuais, permite a tomada de consciência do conjunto de experiências construídas à escala de uma vida. Essa tomada de consciência é compreendida por Josso (2010), como um “caminhar para si”, que reflete numa viagem realizada pelo próprio sujeito, no intuito de reconstituir os seus itinerários e compreender o que o orientou nessa viagem.

É partindo dessas perspectivas que busco neste desenrolar investigativo refletir sobre minhas vivências mais significativas construídas no ensino básico até o ingresso no curso de

Pedagogia em 2014, na Faculdade Evolução Alto Oeste Potiguar – FACEP. Assim, procuro encontrar por meio das lembranças, momentos marcantes de uma trajetória escolar vivida nos bancos escolares de algumas escolas em Apodi/RN, bem como perceber as lições deixadas por essas vivências.

A ideia de resgatar e escrever sobre si mesma, emergiu na disciplina de História da Educação, no 1º período, do curso de Pedagogia, durante o semestre de 2014.2. A professora ministrante da referida cadeira, Edinária Marinho da Costa, sugeriu para a nota final, a produção de um texto sobre as memórias escolares dos alunos, articulando-as às concepções pedagógicas apresentadas pelos estudos de Saviani (2005; 2008). Inicialmente, a atividade surtiu para todos da turma, em um complexo trabalho, por se tratar de um desafio de pensar, falar e escrever sobre si, mas depois tomamos conhecimento da sua importância para conhecermos melhor nossa própria história de vida.

A metodologia adotada neste estudo está orientada pela abordagem de história de vida e método (auto)biográfico, onde busco por meio das memórias, observar, sentir e resgatar momentos significativos da minha formação.

Para ajudar no trabalho de rememorações, optei pelo reencontro com alguns dos meus professores do ensino básico, como também pelos diálogos com minha mãe, Dalila de Oliveira Barros, professora que me ensinou as primeiras coisas da vida e do mundo alfabético. Também recorri ao acervo de fotografias da família, a fim de trazer à tona lembranças de vivências, que se constituíram em legados e estímulos para a continuidade de minha formação pessoal e acadêmica.

### MATERIAL E MÉTODOS

O presente trabalho parte da metodologia do tipo história de vida, pautado no método (auto)biográfico. Para a autora Josso (2010), as histórias de vida, ao longo dos últimos 20 anos, vêm tornando-se cada vez mais um material de investigação muito em voga nas pesquisas de

formação no campo da educação, uma vez que coloca o sujeito aprendente na centralidade do seu processo de formação e aprendizagem.

A esse respeito, Nóvoa (2010, p. 166-167) considera que as histórias de vida e o método (auto)biográfico integram-se no movimento atual que procura repensar as questões da formação, acentuando a ideia que “ninguém forma ninguém” e que “a formação é inevitavelmente um trabalho de reflexão sobre os percursos de vida”.

Para o movimento e organização das minhas memórias mais íntimas e particulares, construídas nas vivências individuais e coletivas, fui ao reencontro de professores do ensino básico, a fim de aclarar o que estava fusco nas minhas lembranças escolares.

Neste exercício de arrumação das minhas reminiscências, escolhi por construir longos diálogos com a minha primeira professora, Dalila de Oliveira Barros Curinga, minha mãe, minha eterna professora. Foi ela que me ensinou a primeira leitura de mundo e depois a leitura da palavra (FREIRE, 2008). Além desses recursos, recorri também ao acervo familiar de fotografias de épocas diferentes, o qual venho considerando como um valioso mecanismo no processo de mobilização da memória.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

### Minha trajetória escolar

Neste instante busco momentos abrigados em minha memória, de vivências construídas num processo individual e coletivo, tanto no espaço escolar, como nas partilhas de sentimentos com aqueles que, indubitavelmente, fizeram (e fazem) parte da minha formação.

No ano de 1997, deu-se oficialmente início a minha vida escolar, na Escola Municipal Juazeiro, comunidade rural do município de Apodi. Nesse âmbito, modesto e pacato, Dona Dalila, minha mãe, era a única professora. Lembro-me que a escola se localizava próximo a minha casa, e funcionava em uma sala bem pequena, com uma estrutura precária, mas que não impedia da professora Dalila dar o melhor de si. Recordo que a professora não media esforços para passar o conhecimento formal aos seus alunos, o que era bastante desafiador, pois se tratava de uma sala multisseriada, organizada pela 1<sup>o</sup>, 2<sup>o</sup>, 3<sup>o</sup> e 4<sup>o</sup> anos. Além desse ofício docente, a professora no momento do intervalo se transformava em merendeira. Lembro que ela preparava nosso lanche com todo carinho e amor. Enquanto isso, nós alunos, brincávamos de correr de pé no chão, no terreno amplo que ficava frente à escola.

Recordo que no primeiro ano de alfabetização, já sabia ler e escrever com muita perfeição. Desde aquele momento me apaixonei

pela leitura. Lia e relia todos os livros do nosso pequeno acervo. O livro que mais fascinava era “A gata borralheira”, adaptado pelo autor Walcyr Carrasco. Naquela história de romance e aventura, me prendia e me perdia por horas, sem perceber o tempo passar.

O ano se passou, já estávamos em 1998, e meus pais me fizeram uma surpresa: agora iria estudar na cidade, no Colégio Nossa Senhora da Conceição, na cidade em Apodi/RN, onde passei a residir com minhas irmãs mais velhas. A saudade de meus pais era intensa, visto que só os reencontrava em finais de semana. Todavia, mesmo com pouca idade já tinha uma noção que aquele era um sacrifício que valeria a pena, visto que estava tendo a oportunidade de receber ensino de maior qualidade. O Colégio Nossa Senhora da Conceição, era uma escola bem estruturada, com salas amplas e alunos separados pela idade e série. Nesse espaço, também havia muita atenção das professoras, em especial, da professora Cristiane, que era muito competente e carinhosa, sem deixar de lado seu domínio para manter a ordem da sala. Todos os alunos a respeitávamos muito.

A partir das ideias de Saviani (2005; 2008), afirmo que a professora Cristiane não adotava em suas práticas, métodos característicos do ensino tradicional, mas sim de uma pedagogia renovadora, por considerar os interesses do aluno e oportunizar que expressasse em sala de aula suas diferentes opiniões. Para ela, o mais importante era a construção do conhecimento pelo aluno, e não a memorização do conteúdo. No Colégio Nossa Senhora da Conceição estudei por três anos (2<sup>o</sup>, 3<sup>o</sup>, 4<sup>o</sup>). Foram anos marcantes e positivos, que me possibilitaram a formação de novas amizades e momentos de uma infância feliz.

### A dor da perda

Foi no ano de 2000, que tive que conviver com uma grande perda, a partida de meu querido pai, Antônio Freire Coringa, que teve sua vida ceifada por um grave acidente. Diante da dor dessa perda, minha mãe decidiu pela alternativa de se distanciar daquele lugar, daquela casa que ele havia acabado de construir. Casa essa, que trazia recordações dolorosas para minha mãe, irmãos e a mim. Fomos então, passar uma temporada no Sítio Cajueiro, onde passei os primeiros anos de minha infância.

Na comunidade Cajueiro não havia escolas. Então, tive que encarar mais um desafio, cursar o 5<sup>o</sup> ano na Escola Antônio Vidal Malveira, situada no município de Tabuleiro do Norte/CE. Para chegar até a escola utilizava o transporte público, que era um ônibus, o qual nem sempre percorria o caminho completo para chegar à minha casa.

Muitas vezes meus colegas de estrada e eu, tínhamos que caminhar a pé.

Ao chegar nessa escola, percebi uma nova realidade. Os métodos de ensino eram totalmente diferentes daqueles que a mim foram apresentados. Naquela escola, tínhamos Tele Aula. Isso mesmo, assistíamos aula pela TV. Os instrumentos de aproveitamento escolar eram provas subjetivas e trabalhos variados. A avaliação se dava por classificação, mas não com notas de 0 a 10, e sim com AS (Aluno satisfatório) e ANS (Aluno Não Satisfatório). Para essa passagem da minha trajetória escolar, foi mais uma batalha difícil, pois além do choque de realidade com as práticas de ensino, ainda enfrentava um ônibus lotado, estradas de barro de difícil acesso e mais de duas horas de viagem (ida e volta).

Apesar das dificuldades vividas nesse período, posso afirmar que foram bastante frutíferas, uma vez que pude conhecer uma nova cultura escolar, constituída por métodos de ensino que hoje articulo a um modelo de pedagogia tradicional.

Dessa trajetória, guardo nas lembranças, amigos, professores e situações que me ajudaram a construir essas memórias coletivas.

### **A experiência com o bullying no espaço escolar**

Ao voltar para minha cidade natal, Apodi, ingressei na Escola Estadual Gerson Lopes, no 6º ano do Ensino Fundamental. Nesta etapa existencial, vivi uma nova experiência que resultou em marcas negativas por longos anos. Foi neste âmbito escolar que fui apresentado ao bullying, praticado por alguns alunos da instituição. Na época, tanto desconhecia os significados que explicam hoje essa prática, como as razões que instigavam esse tipo de conduta pelos alunos. Segundo Fante (2005) bullying é um termo utilizado para se referir a um conjunto de ações agressivas, repetidas, muitas vezes sem motivo, causando dor, angústia, medo e exclusão.

Somente nos dias atuais, consigo compreender e perceber que essa experiência me causou consequências dramáticas, principalmente de ordem psicológica, visto que prejudicou no desenvolvimento do meu rendimento escolar, acarretando, dentre outras coisas, uma reprovação de ano.

### **Como me encantei com o curso de Pedagogia**

Após concluir o ensino médio, em 2008, não despertava em mim o interesse pelo curso de Pedagogia. Meu ingresso se deu por um mero acaso. Contudo, não demorou a me sentir

envolvida e encantada pelas leituras, discussões e área da educação. Logo no 1º Período, aflorou o interesse no curso permanecer, bem como em me aprofundar nos debates, estudos e investigações vinculados à prática educativa.

Neste momento, de escrita e reflexão, percebo que o curso vem contribuindo de modo substancial para minha formação tanto profissional, como pessoal, pois sinto que venho me transformando aos poucos enquanto sujeito, na minha forma de olhar e ler o mundo, e também lidar com a subjetividade do outro.

O curso de Pedagogia, vem me ajudando ainda a reconhecer as lições deixadas de vivências positivas e dolorosas do meu itinerário de vida, como também a romper com alguns sentimentos e olhares ingênuos sobre a vida. Sem dúvida, a formação inicial em Pedagogia, está me conduzindo a superar as marcas negativas da minha vida escolar e me capacitando para enfrentamento de desafios que cercam a prática educativa.

### **CONCLUSÕES**

Portanto, ao refletir sobre minhas vivências mais marcantes no ensino básico, até a chegada ao curso de Pedagogia, percebo momentos significativos, lições aprendidas e experiências formadoras que vêm me construindo na pessoa que hoje sou.

Considero que as experiências produzidas, foram de grande relevância para me constituir num sujeito ativo, formador de opiniões e capaz de tomar decisões. O acesso à formação inicial em Pedagogia me fez aprender a ouvir, valorizar e respeitar o ponto de vista alheio, como também a acreditar que a transformação na educação, deve começar pela transformação de pessoas, pois como diz Freire (2008) a educação não transforma o mundo, a educação muda as pessoas, e as pessoas transformam o mundo.

### **REFERÊNCIAS**

FANTE, C. **Fenômeno Bullying: Como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz.** Ed. Verus, 2005.

FREIRE, P. **A importância do Ato de Ler: em três artigos que se completam.** 49. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

JOSSO, M.-C. **Experiências de vida e formação.** 2. ed. São Paulo: Paulus, 2010.

NÓVOA, A. **A formação tem que passar por aqui: as histórias de vida no Projeto Projalus.** In: NÓVOA, Antonio; FINGER, Mathias (Orgs). O



método (auto)biográfico e a formação. EDUFRRN:  
Natal. 2010

SAVIANI, D. **História das ideias pedagógicas  
no Brasil**. Campinas: Autores associados, 2008.

\_\_\_\_\_. As Concepções Pedagógicas na  
História da Educação Brasileira. Projeto de  
Pesquisa, Campinas: Histedbr, 2005.